

OLHAR PARA MIM, OLHAR PARA AS TRABALHADORAS DA SAÚDE

ABIMA DOS SANTOS LOBO¹

CYNTHIA GIRUNDI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – abimalobo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – cynthia.girundi@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) caracteriza-se por ser uma iniciativa na busca pela integração de estudantes da saúde aos ambientes de trabalho, viabilizando a aprendizagem prática e a qualificação dos profissionais. Tendo uma notável contribuição para o Sistema Único de Saúde (SUS), o programa incentiva a inserção entre ensino, serviço e comunidade (Brasil, 2021).

Com o tema “equidade”, o PET-Saúde 2024, vem promovendo discussões sobre os marcadores sociais da diferença e a valorização das trabalhadoras do sistema. A partir disso, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas desenvolveram o projeto “PET interSUS-Pel caminhos para a equidade: valorização, acolhimento e inclusão no trabalho em saúde”, que foi contemplado com ações em cinco grupos. O Grupo de Trabalho 1 - Trabalho em Saúde: Acolher para Valorizar, tem como foco as questões interseccionais nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs), direcionado ao acolhimento das trabalhadoras, e traz consigo um olhar significativo para a equidade e humanização, sobretudo de quem cuida.

O Programa se propõe a atuar de forma interdisciplinar e interprofissional, reunindo estudantes e professores de diversas áreas do conhecimento. Busca articular ações que visam a valorização daquelas pessoas que estão postas neste ato diário do cuidado, adotando a postura do acolhimento para esses indivíduos.

Este estudo tem como objetivo relatar o papel da Pedagogia no PET-Saúde Equidade, a partir da experiência do I Ciclo Formativo proposto no grupo. Ao adentrar esses espaços, os estudantes bolsistas do Pet Saúde - Equidade, tem como ponto crucial estimular essas trabalhadoras a compartilhar suas experiências, para assim poderem debater juntos seu cotidiano pessoal e profissional, visando desenvolver reflexões e dinâmicas acerca dos debates com caráter interseccional.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O Grupo de Trabalho 1 iniciou suas atividades no fim de maio, tendo como objetivo promover a valorização das trabalhadoras da área da saúde. A primeira formação foi focada na desconstrução do senso comum capacitista, especialmente relevante para mim, graduando em Pedagogia, visto que percebo uma falha ao abordar determinado tema em meu curso. A temática me proporcionou uma reflexão profunda sobre as representações sociais de pessoas com deficiência.

Ministrado por um dos professores tutores do grupo, o encontro foi muito produtivo e esclarecedor. Pessoalmente, achei muito válida algumas provocações que o professor fez, como “vocês já imaginaram uma mulher com síndrome de down ir em uma UBS buscar camisinha para transar com a namorada?”.

Essa provação me abriu os olhos e me fez perceber o quanto problemático é, ainda que tenha se dado de forma natural, a construção de um senso de que pessoas com deficiência são “puras”, ou que são “anjos”. A autora Luciene da Silva (2004) contribui que um corpo marcado pela deficiência nos remete a imperfeição humana e a fragilidade que se quer negar, diferente dos corpos úteis e que aparecem ser saudáveis.

Posso trazer um pouco de minha vivência: tenho uma irmã autista, portanto, já tinha alguma consciência sobre essa questão. A formação me permitiu perceber que mesmo com essa vivência eu ainda reproduzia, em determinados momentos, algumas atitudes, preconceitos, estereótipos e estigmatização, posicionando em uma segunda categoria de cidadãos aqueles considerados diferentes (Silva, 2004). A partir dessa experiência pude compreender a importância de desnaturalizar esses preconceitos e de construir um olhar mais crítico e sensível para as diversidades.

Nas duas semanas seguintes, tivemos mais dois encontros, onde levamos nossas discussões com a contribuição de duas pessoas convidadas que ministraram questões relacionadas à identidade e categorização de gênero, e raça. Essas duas reuniões me fizeram esbarrar com o livro Pensamentos feministas: conceitos fundamentais, onde a autora Audre Lorde (2019, p. 246-247) afirma:

Nós, pessoas negras [...] temos de educar pessoas brancas acerca de nossa humanidade. As mulheres têm de educar os homens. As lésbicas e os homens gays têm de educar o mundo heterosexual. Os oponentes mantêm sua posição e fogem da responsabilidade por seus atos. Existe uma constante drenagem de energia que poderia ser mais bem usada em redefinir a nós mesmos e em criar cenários realistas para modificar o presente e construir o futuro.

A contribuição de Audre Lorde nos lembra que as inúmeras formas de opressões se entrelaçam de maneira complexa se constituindo em marcações interseccionais, e, que a luta por justiça deve considerar essas múltiplas e diferentes dimensões. Por meio dessa concepção, percebe-se que a construção de identidades e sua valorização é um processo variável, marcado por relações de poder e desigualdade. A percepção desses marcadores sociais é imprescindível para entendermos o que Melo, Malfitano e Lopes (2020) argumentam sobre a precariedade dos processos que foram construídos para definir quem são os “outros”, assim como sua significação, que se atrela à grupos invisibilizados a partir de uma lógica hegemônica instaurada para a identificação social, mais especificamente nas experiências cotidianas marcadas por esses processos relacionais.

No encontro da semana seguinte, uma colega e trabalhadora dos núcleos de equidade da cidade de Pelotas-RS ministrou uma palestra para o grupo com o intuito de apresentar como são feitos esses trabalhos, que tem foco parecido com algumas propostas que buscamos seguir.

A última reunião de formação visou trazer, com o apoio de uma professora psicóloga, uma reflexão sobre o olhar para o cuidado e o acolhimento, especialmente para aquelas pessoas que estão diariamente neste ato contínuo de cuidar. Logo após

surgiu a indagação: quem cuida de quem cuida? Sabe-se que são necessárias melhorias na qualidade do cuidado prestado nas UBSs, a fim de torná-las um espaço mais humanizado e inclusivo. No entanto, é de profunda importância ter esse olhar atento também para aquelas e aqueles agentes que praticam essa ação de acolher, acolhendo-os. Neste sentido, Oltra (2013) nos recorda que o manuseio do autocuidado não é algo originário da aleatoriedade, mas sim feito a partir de decisões objetivas e conscientes. Ao levarmos conosco essa percepção do cuidado e acolhimento, buscamos desenvolver com as profissionais da saúde a idealização do cuidar de si.

Após as semanas dedicadas às reuniões de formação, foi solicitado para os estudantes bolsistas, se dividirem em grupos e trazerem propostas de dinâmicas e ou oficinas que poderiam ser feitas com as profissionais nas UBSs.

Por meio das oficinas, há uma busca por estabelecer um contato mais próximo e humanizado com essas trabalhadoras. Parte-se de uma perspectiva cujo objetivo se concretiza na transformação do sujeito e da realidade ao qual vivencia cotidianamente. Assim, ao levar a humanização a partir da contribuição de Benevides e Passos (2005, p. 391), estabelecemos que os “sujeitos sociais [...] engajados em práticas locais, quando mobilizados, são capazes de, coletivamente, transformar realidades transformando-se a si próprios neste mesmo processo”.

Com as profissionais da saúde, essa articulação se mostra muito necessária, observando suas práticas de forma atenta, sensível e respeitosa. Essa observação permitirá a compreensão das complexidades existentes no local, e suas experiências, assim como Carlos Skliar (2004) nos ensina sobre a existência de um outro próximo e compreensível, e de um outro radicalmente diferente e incompreensível. Nos conectar com a realidade dessas profissionais é fundamental para podermos construir relações mais significativas e desenvolver intervenções mais eficazes.

Identifico que ainda tem muito a ser feito antes de colocarmos nossas práticas em ação. Como graduando em Pedagogia, venho aprendendo que é essencial, antes de atuarmos em sala de aula ou em qualquer outro espaço que visamos desempenhar nosso trabalho, a observação, onde o planejamento não se distancie da prática. Dito isso, é praticamente impossível trazermos dinâmicas e darmos a plena certeza que estas serão usadas nas nossas ações enquanto bolsistas nos espaços de unidade básica de saúde, visto que, essa observação, esse contato, não foi estabelecido.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reuniões que foram realizadas consecutivamente durante três meses, voltadas a discutir assuntos como o senso comum capacitista, categorizações de gênero, etnia-raça, e de um olhar mais sensível para aquele indivíduo que pratica o ato de cuidar, o Grupo de Trabalho 1 - Acolher para Valorizar, buscou como meio de formação para os estudantes bolsistas, destacar uma perspectiva mais ampla, que, por meio de discussões e reflexões, os participantes, vindos de diferentes áreas do conhecimento, foram sendo sensibilizados a perceberem de outra maneira as discriminações, preconceitos e invisibilizações que, muitas vezes, passam despercebidas no ambiente acadêmico e profissional.

Essa iniciativa contribuiu para a construção de um olhar mais atento e cuidadoso para com as diferenças individuais e subjetivas, promovendo um espaço inclusivo e

respeitoso. Essa articulação se mostrou necessária para o planejamento das futuras abordagens que estes estudantes precisarão fazer com as profissionais da área da saúde em seu ambiente de trabalho.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde**. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sgtes/deges/integracao-ensino-servico/programa-de-educacao-pelo-trabalho-para-a-saude-petsaude>>. Acesso em: 08 out. 2024.

BENEVIDES, Regina; PASSOS, Eduardo. Humanização na saúde: um novo modismo?. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Niterói, v. 9, p. 389-394, 2005.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019. p. 246-256.

MELO, Késia Maria Maximiano de; MALFITANO, Ana Paula Serrata; LOPES, Roseli Esquerdo. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 03, p. 1061-1071, 2020.

OLTRA, Sandra. El autocuidado, una responsabilidad ética. **Rev GPU**, Santiago, v. 9, n. 1, p. 85-90, 2013.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 424-434, 2006.

SKLIAR, Carlos Bernardo. A materialidade da morte e o eufemismo da tolerância: duas faces, dentre as milhões de faces, desse monstro (humano) chamado racismo. **Praksis: Revista do ICHLA**, Novo Hamburgo. v. 1, n. 1, p. 15-25, 2004.